

A MANIFESTAÇÃO DAS DIFERENTES MODALIDADES NO EMPREGO
DO VERBO MODAL *PODER* EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL:
ANÁLISE DO DISCURSO DE AUTOAJUDA

Anna Flora Brunelli
Sandra Denise Gasparini Bastos

RESUMEN. Este trabajo tiene por objetivo investigar el comportamiento del verbo modal *poder* como verbo auxiliar en dos lenguas romances, el portugués brasileño y el español peninsular, en textos escritos de ambos idiomas. El trabajo se desarrolla desde una perspectiva funcionalista del lenguaje, más específicamente la *gramática funcional holandesa*, y se apoya en la clasificación de modalidad propuesta por Hengeveld (2004), que considera dos criterios principales: la meta de la evaluación y el dominio semántico de la evaluación. Teniendo en cuenta esta clasificación, analizamos el uso del verbo auxiliar *poder* en el discurso de autoayuda, que goza, en la actualidad, de gran popularidad en varias partes del mundo. Aunque el verbo auxiliar *poder* sea esencialmente un modal epistémico en el portugués (según Neves 1999-2000) —lo cual, en la clasificación de Hengeveld (2004) corresponde a la modalidad epistémica orientada hacia el evento— los datos analizados demuestran que, en función de la naturaleza esencialmente optimista del discurso investigado —el discurso de autoayuda— dicho auxiliar actúa predominantemente como modal facultativo orientado hacia el participante. Tal resultado pone de relieve la importancia de considerar el contexto en el que el verbo modal aparece para evaluar los efectos de sentido asociados a su uso.

Palabras clave: modalidad, verbo *poder*, discurso de autoayuda, funcionalismo.

ABSTRACT. This paper aims to investigate the behavior of the modal verb *poder* as an auxiliary verb in text written in both two Romance languages, Brazilian Portuguese and Iberian Spanish. This research follows a functionalist language approach, more precisely the Dutch Functional Grammar tradition, based on the modality classification proposed by Hengeveld (2004). This author considers two main criteria: target of evaluation, and semantic domain of evaluation. Considering this classification, we analyze the use of the auxiliary verb *poder* in a *corpus* of self-help discourses, which currently enjoy enormous popularity in various parts of the world. Although in Portuguese the auxiliary verb *poder* is essentially an epistemic modal (cf. Neves 1999-2000) —which, according to the Hengeveld (2004), corresponds to the event-oriented epistemic modality—. However, our analysis show that, given the essentially optimistic nature of the discourse analyzed, the self-help discourse, the previously mentioned modal verb (*poder*) behaves predominantly as a participant-oriented facultative modal. This result demonstrates the importance of considering the context of occurrence of the verb *poder* in order to evaluate the effects of meaning associated with its use.

Keywords: modality, verb *poder*, self-help discourse, functionalism.



Signo y Señá, número 22, diciembre de 2012, pp. 165-180

Facultad de Filosofía y Letras (UBA)

<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>

ISSN 2314-2189

RESUMO. Este trabalho tem por objetivo investigar o comportamento do verbo modal *poder* na condição de verbo auxiliar em duas línguas românicas, o português brasileiro e o espanhol peninsular, em textos escritos dos dois idiomas. O trabalho desenvolve-se orientado por uma abordagem funcionalista da linguagem, mais precisamente a Gramática Funcional de linha holandesa, tomando como base a classificação de modalidade proposta por Hengeveld (2004), que considera dois critérios principais: alvo de avaliação e domínio semântico de avaliação. Considerando essa classificação, analisamos o emprego do auxiliar *poder* no discurso de autoajuda, que desfruta, atualmente, de grande popularidade em várias partes do mundo. Embora o verbo auxiliar *poder*, na língua portuguesa, seja essencialmente um modal epistêmico (Neves 1999-2000) —o que, na classificação de Hengeveld (2004), corresponde à modalidade epistêmica orientada para o evento— os dados analisados revelam que, dada a natureza essencialmente otimista do discurso estudado —o discurso de autoajuda— o auxiliar comporta-se predominantemente como modal facultativo orientado para o participante. Tal resultado evidencia a importância de considerarmos o contexto de ocorrência do verbo *poder* para avaliar os efeitos de sentido associados a seu emprego.

Palavras-chave: modalidade, verbo *poder*, discurso de autoajuda, funcionalismo.

1. INTRODUÇÃO. Neste trabalho, procuramos contribuir com os estudos referentes ao português brasileiro e ao espanhol peninsular, investigando, do ponto de vista funcional, alguns aspectos relativos ao emprego do verbo modal *poder* na condição de verbo auxiliar. Este tipo de análise justifica-se porque as gramáticas tradicionais o apresentam de uma maneira redutora, que não explora todo o seu potencial comunicativo. Para conhecê-lo melhor, adotamos a perspectiva funcionalista, que permite o desenvolvimento de uma reflexão na qual os recursos de expressão de uma língua são descritos nos níveis sintático, semântico e pragmático de forma integrada, tendo a pragmática primazia sobre a semântica e esta sobre a sintaxe. Com esse ponto de vista, analisamos o emprego do auxiliar *poder* em um *corpus* constituído por obras de autoajuda, considerando esse contexto de ocorrência para avaliar os efeitos de sentido associados a seu emprego.

1.1. O VERBO *PODER* DA GRAMÁTICA NORMATIVA AOS ESTUDOS FUNCIONALISTAS. O verbo auxiliar modal *poder* nem sempre é tratado nas gramáticas normativas do português brasileiro. Alguns gramáticos brasileiros, como, por exemplo, Cegalla (1980), Cunha (1990 [1976]) e Cunha et al. (1985), não fazem nenhuma referência a *poder* como verbo auxiliar modal. Sacconi (1994 [1982]) faz alusão aos verbos auxiliares modais, mas nenhuma referência

às semelhanças ou diferenças entre eles. Bechara (1999 [1961]) é o único que se estende um pouco mais na descrição dos auxiliares modais.

Fora do âmbito das gramáticas normativas, que pouco elucidam sobre as características dos auxiliares modais, Mira Mateus et al. (1983) consideram que os verbos modais constituem por si só modalidades lexicalizadas e empregam o verbo *poder* para exemplificar as modalidades *epistêmica* e *deôntica*, mais frequentes no uso¹.

1.2. OS VALORES DO VERBO MODAL *PODER*. Koch (1981), desenvolvendo um estudo semântico-pragmático desse modal, na perspectiva de uma *gramática comunicativa*, enfatiza o potencial comunicativo do português, enquanto sistema linguístico, ao explorar a polissemia desse auxiliar. Segundo a autora, esse é um dos “modais que, em língua portuguesa, apresenta maior número de matizes de significado, quer do ponto de vista puramente semântico, quer sob o ângulo de sua força ilocucionária” (Koch 1981, 103).

Assim, do ponto de vista semântico, o verbo *poder* exprime diversos valores. Um deles é permissão, conforme atesta o exemplo apresentado pela autora:

- (1) Os alunos *podem* fumar na classe.
Los alumnos *pueden* fumar en el aula.

Nesse caso, o verbo *poder* é um modal deôntico. A modalidade deôntica, relacionada aos valores de permissão, obrigação e proibição, refere-se ao eixo da conduta; portanto está “condicionada por traços lexicais específicos ao enunciador ([+controle]) e, de outro lado, implica que o enunciatário aceite o valor de verdade do enunciado, para executá-lo” (Neves 1996, 172).

Segundo Lyons (1977, 823), a modalidade deôntica se aplica a uma proposição relacionada à necessidade ou à possibilidade de atos realizados por agentes moralmente responsáveis; porém o que essa proposição descreve não é um ato propriamente dito, mas o estado-de-coisas que será obtido se o ato em questão for cumprido. Comparando a modalidade deôntica à epistêmica, Lyons observa que a necessidade deôntica (a obri-

1 No espanhol, para uma discussão mais detalhada sobre verbos modais e modalidade no âmbito de uma gramática descritiva, ver Ridruejo (1999) e Gómez Torrego (1999).

gação) é sempre derivada de alguma fonte ou causa, que pode ser algo ou alguém; pois,

se X reconhece que ele é obrigado a realizar algum ato, então normalmente há alguém ou alguma coisa que ele reconhecerá como responsável pelo fato de estar obrigado a agir dessa forma. Pode ser uma pessoa ou uma instituição a cuja autoridade ele se submete; pode ser um corpo de princípios morais ou legais mais ou menos explicitamente formulado; pode ser apenas alguma compulsão interna, que lhe é difícil de identificar e precisar (Lyons 1977, 823).

Outro valor expresso pelo verbo modal poder é possibilidade:

- (2) Lúcia *pode* chegar hoje.
Puede que Lucía llegue hoy.

Nesse caso, o verbo é uma forma lexical de manifestação da modalidade epistêmica. Conforme Gasparini-Bastos (2004, 120), a modalidade epistêmica está relacionada com o conhecimento ou crença que cada locutor tem (ou diz ter) dos estados-de-coisas relacionados em seu discurso. Quirk (1985, 219) afirma que a modalização epistêmica pode ser entendida como o julgamento humano do que é possível acontecer. Skotarek (1996, 95), que estuda os elementos modalizadores em espanhol, relaciona a modalidade epistêmica ao mundo das convicções do emissor da mensagem, o qual, de seu próprio ponto de vista, avalia a declaração como certa ou incerta. De acordo com Dall’Aglio-Hattner (1995, 26), por meio da modalização epistêmica, o falante avalia como certa ou possível a realidade de um estado-de-coisas ou a veracidade de uma proposição, o que faz a partir de um conjunto de conhecimentos e crenças.

Além desses valores, o verbo poder também exprime capacidade (física, moral ou legal) ou habilidade, conforme mostram os exemplos:

Capacidade física

- (3) Ele *pode* andar muito sem se cansar.
Él *puede* andar mucho sin cansarse.

Habilidade

- (4) Ele *pode* fazer várias coisas ao mesmo tempo.
Él *puede* hacer varias cosas a la vez.

Quando exprime esses valores, o verbo *poder* é considerado um modal dinâmico. A modalidade dinâmica, proposta por Palmer (1979, 37) diz respeito justamente aos valores expressos por esse verbo, isto é, capacidade

e habilidade. Ao comparar os tipos de modalidade que investiga na língua inglesa, o autor afirma que a modalidade dinâmica sugere que há circunstâncias no mundo real que tornam possível ou necessária a realização do estado-de-coisas. Além disso, no tratamento que dá ao tema, Palmer (1979) nos adverte de que, apesar de somente os seres animados terem habilidades, a modalidade dinâmica também se aplica a seres inanimados, indicando que eles têm as qualidades necessárias ou o “poder” para provocar a realização de um evento.

Em trabalho posterior sobre modalidade dinâmica, Palmer (1986, 102) afirma que uma frase como “João pode falar italiano” expressa o que parece ser uma afirmação factual não-modal, pois “não envolve nem a atitude nem a opinião do falante (exceto a de que se trata de uma verdade), mas apenas afirma que João tem a habilidade de falar italiano”. Com essa observação, o autor admite que a modalidade dinâmica poderia ser descartada da tipologia das modalidades, mas sugere a sua manutenção em função de sua importância para a compreensão do significado dos verbos modais.

Koch (1981, 103) registra que, em certos enunciados, ocorre ambigüidade entre poder-possibilidade, poder-capacidade e poder-permissão. Para exemplificar, cita o enunciado:

- (5) A menina *pode* comprar o bolo.
La niña *puede* comprar el pastel.

que pode receber as seguintes leituras: a) a menina tem permissão para comprar o bolo (poder = permissão / modalidade deôntica); b) é possível que a menina compre o bolo (poder = possibilidade / modalidade epistêmica); c) a menina tem o poder de comprar o bolo (poder = capacidade, *tem dinheiro suficiente*, por exemplo / modalidade dinâmica).

Em função do valor polissêmico do modal *poder* como elemento de um sistema linguístico, precisamos buscar elementos que revelem a leitura adequada no contexto em que esse auxiliar é empregado. A esse respeito, Coracini (1991, 120) afirma que as marcas modais em si “não determinam *a priori* o ponto de vista do sujeito-enunciador nem as interpretações possíveis: sua presença ou ausência aponta apenas para uma possível interpretação do texto”.

Neves (2006, 186) afirma que os diferentes tipos textuais favorecem diferentes modalidades. Silva Corvalán (1995, 72), que estudou a ambi-

guidade dos verbos *poder* e *deber* em espanhol, também reconhece que esses verbos podem expressar noções de permissão, possibilidade e habilidade e sugere que os diferentes significados propostos sejam vistos como uma função da interação entre o modal e outros elementos (linguísticos e extralinguísticos) no discurso.

Feitas essas considerações, no próximo item apresentamos a proposta de tratamento funcional das modalidades de Hengeveld (2004), na qual vamos nos basear para analisar o verbo auxiliar *poder*. Conforme já dito, a adoção dessa abordagem justifica-se em função de sua abrangência, pois os níveis pragmático, semântico e sintático são considerados de forma integrada, tendo a pragmática primazia sobre a semântica e esta sobre a sintaxe.

2. CLASSIFICAÇÃO DAS MODALIDADES SEGUNDO HENGEVELD. As modalidades são classificadas, segundo Hengeveld (2004, 1192), a partir de dois critérios principais: o tipo de alvo de avaliação e o domínio semântico a partir do qual a avaliação é feita.

O alvo da avaliação faz referência à parte do enunciado que é modalizada; por essa classificação, admitem-se três tipos de modalidades:

- a. *Modalidade orientada para o participante.* Afeta a parte relacional do enunciado quando expressa por um predicado e diz respeito à relação entre (propriedades de) um participante em um evento e a realização potencial desse evento.
- b. *Modalidade orientada para o evento.* Afeta a descrição do evento contida dentro do enunciado, isto é, a parte descritiva de um enunciado e diz respeito à asseveração objetiva do *status* de realização do evento.
- c. *Modalidade orientada para a proposição.* Afeta o conteúdo proposicional de um enunciado, isto é, a parte do enunciado que representa as visões e crenças do falante e diz respeito à especificação do grau de comprometimento do falante em relação à proposição que ele apresenta.

O domínio de avaliação indica a perspectiva a partir da qual a avaliação é feita; por essa classificação, as modalidades podem ser:

- a. *Facultativas (ou dinâmicas, conforme Palmer).* Podem ser orientadas para o participante ou para o evento e estão relacionadas à habilidade

de um participante no evento designado pelo predicado. Em algumas línguas, faz-se a distinção entre habilidade intrínseca (“ser capaz de”) e adquirida (“saber como”).

- b. *Deônticas*. Podem ser orientadas para o participante ou para o evento e estão relacionadas com aquilo que é legalmente, socialmente ou moralmente permitido.
- c. *Volitivas*. Podem ser orientadas para o participante, para o evento ou para a proposição e estão relacionadas com aquilo que é desejável.
- d. *Epistêmicas*. Podem ser orientadas para o evento ou para a proposição e estão relacionadas com o que é conhecido sobre o mundo real.
- e. *Evidenciais*. Podem ser orientadas para a proposição e estão relacionadas com a fonte da informação contida no enunciado.

A relação entre os dois critérios de classificação propostos pelo autor, alvo e domínio de avaliação, pode ser sistematizada conforme o quadro a seguir:

Domínio de avaliação	Alvo de avaliação		
	Participante	Evento	Proposição
Facultativo	+	+	-
Deôntico	+	+	-
Volitivo	+	+	+
Epistêmico	-	+	+
Evidencial	-	-	+

Quadro 1: Relação entre alvo e domínio de avaliação (Hengeveld 2004, 1193).

De todas as combinações possíveis entre alvo de avaliação (orientação) e domínio semântico (tipos de modalidade), os dados nos mostram que o verbo modal *poder* pode assumir diversos valores, tanto em português como em espanhol. No âmbito deste trabalho, analisaremos apenas as qualificações que o verbo modal *poder* assume no discurso de autoajuda, conforme as ocorrências encontradas no *corpus*, quais sejam: modalidade facultativa orientada para o participante e para o evento, modalidade deôntica orientada para o participante e para o evento, modalidade epistêmica orientada para o evento.

Quanto à modalidade volitiva, consideramos possível que alguns casos de *poder* expressando um pedido podem ser interpretados como exemplos de modalidade volitiva tanto em português (*poderia*) como em espanhol (*podría*), conforme podemos notar nos seguintes exemplos:

- (6) O senhor poderia responder a algumas perguntas?
 (7) ¿Podría usted contestar a algunas preguntas?

Entretanto, este uso, típico de entrevistas, não foi encontrado no *corpus*, razão pela qual não fazemos afirmações sobre sua natureza.

Quanto à evidencialidade, existem muitas discussões sobre a possibilidade de considerá-la como um subtipo modal ou como uma categoria independente. Entre os defensores do primeiro grupo estão Bybee et al. (1995), Hengeveld (1988, 1989), Dik (1997a, 1997b), entre outros. O trabalho de Willet (1988), importante referência para os estudos sobre evidencialidade, também considera a evidencialidade como um domínio semântico modal. Em outro grupo, estão os pesquisadores que, como Nuyts (1993, 2001), consideram a evidencialidade uma categoria independente da modalidade. Não nos aprofundaremos nessa discussão visto que, embora a evidencialidade em língua portuguesa seja expressa preferencialmente por verbos, como atesta o trabalho de Dall'Aglio-Hattnher (2007, 122), o verbo poder não representa um caso de verbo evidencial, já que não faz referência à fonte da informação.

3. O VERBO MODAL *PODER* NO DISCURSO DA AUTOAJUDA. Apresentada a classificação na qual vamos basear a análise e considerando a necessidade de procurarmos no contexto de ocorrência pistas para realizarmos a leitura mais adequada do verbo auxiliar *poder*, dada a sua ambiguidade, passamos a investigar o seu emprego em dados do português e do espanhol. Os dados do português foram selecionados dos seguintes livros de autoajuda: Ribeiro (1992), Trevisan (1998) e Valcapelli e Gasparetto (2003). Os dados do espanhol são provenientes de dois manuais de autoajuda: Tierno (2008) e Rovira (2009). (Tanto os textos do português como os textos do espanhol foram escritos originalmente no idioma em questão.)

O resultado do levantamento e classificação das ocorrências do verbo modal *poder* nos dois idiomas pode ser verificado na tabela a seguir:

Classificação modal	Dados do português		Dados do espanhol	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Deôntico	20	4,3	38	7,7
Epistêmico/Facultativo	91	19,6	94	18,9
Epistêmico	174	37,5	169	34,0
Facultativo	179	38,6	195	39,4
Tôtal	464	-	496	-

Tabela 1: Valores do verbo modal poder em português e em espanhol.

Apresentamos, na sequência, exemplos representativos de cada uma das classificações propostas nos dois idiomas:

Modalidade deontica

- (8) Não *podemos* deixar que o negativismo seja mais inteligente que nós (Trevisan 1998, 113).
- (9) No *podemos* quedarnos enganchados en las cosas ni en las personas ni en las situaciones (Tierno 2008, 158).

Modalidade epistêmica/facultativa

- (10) Os dois lados do cérebro *podem* trabalhar interagindo, como *podem* operar de maneira independente (Trevisan 1998, 70).
- (11) No se *puede* amar de forma madura si uno no se ama a sí mismo o está vacío de amor (Tierno 2008, 34).

Modalidade epistêmica

- (12) Esse costume *pode* mudar, mas no momento a gravata ainda é um símbolo de prestígio e respeito em muitos ambientes profissionais ou sociais (Ribeiro 1992, 69).
- (13) *Puede* suceder que un miembro de la pareja no sea adicto a tener razón y admita con facilidad que se equivoca (Tierno 2008, 30).

Modalidade facultativa

- (14) Qualquer um *pode* aprender a aumentar tremendamente a sua capacidade mental: basta conhecer a tecnologia adequada para isso (Ribeiro 1992, 15).
- (15) El perdón es un acto de bondad hacia nosotros mismos, un regalo que nos hacemos. *Puede* curar también a la otra persona, pero fundamentalmente se dirige hacia nosotros para curarnos y liberarnos de nosotros mismos (Rovira 2009, 105).

Os dados expostos na tabela mostram que o comportamento do verbo modal *poder* no discurso de autoajuda é muito parecido nos dois idiomas, com predomínio da modalidade facultativa, seguida pela modalidade epistêmica. Tanto no português como no espanhol foram pouco frequentes as ocorrências de modalidade deontica.

O discurso de autoajuda² sustenta que todas as pessoas têm condições de realizar seus sonhos, que têm a capacidade de atrair coisas boas ou ruins de acordo com a atitude mental e que, portanto, também têm o poder de mudar os aspectos da vida com os quais não estão satisfeitas. Por essa razão, hipotetizamos que o emprego do auxiliar *poder* como modal facultativo, que exprime capacidade, deveria ser frequente nos dados, o que realmente foi verificado.

2 Para uma análise mais detalhada do discurso de autoajuda em português, ver Brunelli (2004).

Em ambos os idiomas, identificamos um número significativo de ocorrências nas quais o verbo modal poder apresenta um valor ambíguo (epistêmico/facultativo), expressando tanto capacidade como possibilidade, conforme mostram os exemplos:

- (16) Você *pode* mudar a sua vida (Ribeiro 1992, 59).
 (17) [...] no *podemos* amar a los demás, no *podemos* crecer y madurar como personas sin ese imprescindible y sano amor a nosotros mismos (Tierno 2008, 53).

Se considerarmos o emprego facultativo do modal, tais enunciados podem receber as seguintes leituras, respectivamente:

- (16a) “Você tem a capacidade de/a habilidade de/o poder de mudar a sua vida”, ou “Você consegue mudar a sua vida”.
 (17a) “No tenemos la capacidad/la habilidad/el poder de amar a los demás” ou “No conseguimos amar a los demás”.

Lembremos que, segundo Palmer (1979, 1986), a modalidade dinâmica, que corresponde, na classificação de Hengeveld (2004), à facultativa, sugere que há circunstâncias no mundo real que tornam possível ou necessária a realização de um estado-de-coisas. Com a modalidade facultativa, presente nos exemplos em questão, essas circunstâncias são características do sujeito. Desse modo, os exemplos admitem, ainda, uma outra paráfrase, que ilustramos com o exemplo em português:

- (16b) “Você é tal que consegue mudar a sua vida”, ou “Você tem tais propriedades que consegue mudar a sua vida”, ou ainda “Você tem a capacidade de mudar a sua vida”.

Por outro lado, a leitura epistêmica desse mesmo enunciado nos daria a seguinte paráfrase:

- (16c) “É possível que você mude a sua vida”.

Na leitura em questão, o sujeito-enunciador estaria avaliando a possibilidade de ocorrência de um estado-de-coisas, isto é, manifestando incerteza a respeito do que diz. Embora essa leitura seja perfeitamente possível para esses enunciados se estivessem em outros contextos, ou mesmo fora de contexto, no discurso tratado aqui ela não parece ser a mais adequada, em função de outros enunciados que compõem o discurso da autoajuda. Tais enunciados dizem respeito a uma das teses fundamentais desse discurso, segundo a qual o sucesso está diretamente ligado à crença na própria capacidade de concretizar os desejos, ou seja, quem acredita que vai

conseguir sucesso, dinheiro, saúde, etc, consegue e quem duvida, não. Trata-se, portanto, de uma questão de fé, de crença absoluta e, essencialmente, de jamais duvidar do poder que se tem de mudar a realidade, conforme ilustram os seguintes enunciados retirados do *corpus*:

- (18) Para que a condição interna se torne realidade, é necessário crer de forma total, visceral, apaixonadamente ou corporificar tais ideias (Valcapelli e Gasparetto 2003, 19).
- (19) Então, você é aquilo que acredita ser (Valcapelli e Gasparetto 2003, 29).
- (20) Você pode, se pensa que pode (Trevisan 1998, 57).

Assim, como o sujeito-enunciador desse discurso prega aos seus interlocutores que eles acreditem no próprio potencial para mudar de vida, alcançar o sucesso, conseguir saúde, etc., como uma condição para que seus anseios e projetos se realizem, seria muito improvável que, em seu próprio discurso, ele manifestasse incerteza a respeito das teses que apresenta. Por isso, para os enunciados em questão, entendemos que a leitura facultativa é a mais adequada.

Desse modo, passamos a investigar a possibilidade de considerarmos ocorrências de modalidade facultativa também as ocorrências do auxiliar poder nos enunciados que nos pareceram ambíguos inicialmente, nos quais a leitura epistêmica seria provavelmente a mais óbvia, se esses enunciados estivessem fora do contexto em que estão inseridos. Assim, um exemplo como:

- (21) Você pode ser hoje uma pessoa bem diferente do que era há cinco ou dez anos atrás (Ribeiro 1992, 25).

pode receber as seguintes leituras:

- (21a) “É possível que você seja hoje uma pessoa bem diferente do que era há cinco ou dez anos atrás” (*poder* como possibilidade).
- (21b) “Você é tal que consegue ser hoje uma pessoa bem diferente do que era há cinco ou dez anos atrás” (*poder* como capacidade).

O enunciado em questão aparece inserido no seguinte contexto: “É preciso dar oportunidade para que as pessoas e as coisas possam mudar. Inclusive você. Você pode ser hoje uma pessoa bem diferente do que era há cinco ou dez anos atrás” (Ribeiro 1992, 25). Parafraseando, temos: “é preciso dar oportunidade para que as pessoas e as coisas consigam/tenham condições de mudar”. Verificamos, portanto, que o sujeito-enunciador está se referindo à não fixidez das situações, ao fato de que elas são

passíveis de uma alteração; assim, em função do contexto em que se encontra o enunciado anterior, entendemos que a classificação facultativa do modal poder é mais adequada.

Ainda com relação à modalidade facultativa, embora normalmente apenas os seres animados tenham habilidades, Palmer (1979, 37) entende que essa modalidade, a que ele chama de dinâmica, também se aplica a seres inanimados, indicando que eles têm as qualidades necessárias ou o poder para provocar a realização de um evento. Ou seja, enunciados cujo sujeito é um ser inanimado também admitem dupla leitura (facultativa orientada para o participante ou epistêmica orientada para o evento). Um enunciado como:

(22) La crisis [...] nos puede devolver la plenitud y la felicidad (Rovira 2009, 146).

admite tanto uma leitura epistêmica (“É possível que a crise nos devolva a plenitude e a felicidade”) como facultativa (“A crise tem condições de nos devolver a plenitude e a felicidade”).

Para os exemplos anteriores, a leitura facultativa ou dinâmica pode parecer pouco esperada. Entretanto, essa leitura nos parece autorizada em função de certos enunciados que encontramos no *corpus*, como:

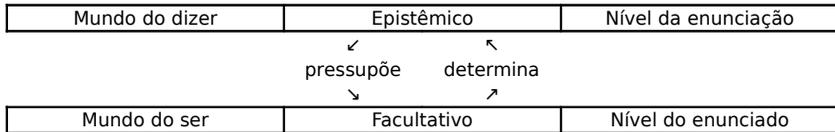
(23) A realidade é algo subjetivo (Ribeiro 1992, 21).

(24) Con razón se dice que la mente (actitud mental positiva) puede sanar el cuerpo (Tierno 2008, 112).

Assim, ao afirmar que a crise pode devolver a plenitude e a felicidade, o sujeito-enunciador está, de um ponto de vista otimista, dizendo que a crise tem condições de nos ensinar algo, ou seja, não se trata de uma simples manifestação de incerteza marcada pelo verbo modal poder. Embora não estejamos descartando a leitura epistêmica de enunciados como o anterior, acreditamos que o contexto no qual se encontram conduz também à leitura facultativa ou dinâmica.

De fato, essa possibilidade de uma dupla leitura epistêmica e facultativa ou dinâmica tem seus fundamentos além dos enunciados em análise, pois existe mesmo um vínculo especial entre essas modalidades que conduz a nossa atenção para a relação entre enunciado e enunciação. A esse respeito, reportamo-nos a Neves (1999-2000, 100), quem afirma que as quatro modalidades (alética, facultativa, deôntica e epistêmica) “representam realces perceptivos da fronteira entre enunciação e enunciado”.

Para cada modalidade, há uma orientação diferente, o que a autora esclarece a partir de um esquema, do qual reproduzimos, de modo simplificado, a parte relativa às modalidades epistêmica e facultativa/dinâmica³:



Esquema 1: As modalidades epistêmica e facultativa no processo de produção do enunciado (adaptado de Neves 1999-2000, 100).

Pelo esquema, notamos que os modais facultativos levam verticalmente aos epistêmicos. Essa relação, de acordo com a autora, nasce do fato de que, do ponto de vista pragmático, os epistêmicos pressupõem os facultativos: alguém crê que alguém fará algo, porque está capacitado para isso. Já numa visão horizontal, os epistêmicos afetam o mundo do dizer (o crer), enquanto os facultativos afetam o mundo do referente, pois o fazer é uma faceta do ser.

Nesse mesmo trabalho, Neves (1999-2000, 102) comenta os resultados de pesquisa que fez sobre o valor polissêmico dos verbos modais no português contemporâneo. Analisando textos escritos de vários tipos⁴, a autora verifica que o verbo *poder* é empregado essencialmente (em 75% dos casos) como epistêmico (orientado para o evento, segundo a classificação que estamos adotando).

Com os esclarecimentos que encontramos no trabalho de Neves (1999-2000), podemos dizer que o discurso de autoajuda segue uma tendência contrária à maior parte dos discursos correntes a partir dos quais os sujeitos enunciam, que são, provavelmente, bem menos otimistas que esses dois discursos. O discurso que analisamos desperta, ou melhor, revigora no verbo *poder* o matiz de sentido facultativo que se encontra por trás do seu valor epistêmico. Embora o valor facultativo sempre esteja presente nos empregos epistêmicos do verbo *poder*, ele não se manifesta necessariamente em qualquer discurso, ao contrário do que acontece com o discurso de autoajuda, que resgata esse valor, o que provoca, certamente, um

3 No esquema que apresenta, a autora trata também da relação entre a modalidade deontica e a alética.

4 Em sua pesquisa, Neves (1999-2000) examina uma amostra do banco de dados do Centro de Estudos Lexicográficos da FCL da UNESP (Campus de Araraquara) constituída por diferentes tipos de literatura: romanesca, jornalística, técnica, oratória e dramática.

enfraquecimento no valor epistêmico desse auxiliar como recurso para manifestar incerteza.

No que se refere às ocorrências de modalidade deôntica, verificamos que, embora seu emprego seja pequeno no discurso de autoajuda em ambos os idiomas, o número de ocorrências em espanhol foi relativamente maior. Observemos alguns exemplos:

- (25) Nadie *puede* poner en duda la necesidad del amor, como la necesidad del alimento, del aire que respiramos, de la luz, del agua y del sol que nos ilumina (Tierno 2008, 32).
- (26) No *podemos* vivir anclados en el pasado (Rovira 2009, 114).

Considerando que a modalidade deôntica está relacionada aos valores de permissão, obrigação e proibição, referindo-se ao eixo da conduta, o emprego do verbo poder com esse valor parece deixar de lado a possibilidade de escolha por parte do leitor no cumprimento dos princípios da autoajuda; embora continue sendo um discurso otimista, os enunciados são mais enfáticos e evidenciam uma orientação mais precisa sobre o que deve ser feito, conforme atestam os exemplos:

- (27) Nadie *puede* ocupar tu lugar. Cada uno de nosotros teje una hebra en la tela de la creación. Nadie *puede* tejer esa hebra por nosotros (Tierno 2008, 88).
- (28) No *podemos* confundir plenitud, confort, felicidad y placer (Rovira 2009, 146).

Conforme podemos observar nessas ocorrências —exemplos de modalidade deôntica orientada para o participante—, com o emprego de poder com valor deôntico, o participante é qualificado como aquele que tem a obrigação ou a permissão para se engajar no evento descrito pelo predicado. Assim, os enunciados deonticamente modalizados, que pressupõem uma relação hierárquica entre os interlocutores, funcionam sempre como instrumentos à disposição do enunciador para impor vontades sobre o enunciatário, regulando seu comportamento por meio de ordens e proibições.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS. Neste trabalho, refletimos sobre alguns aspectos relativos ao emprego do verbo auxiliar poder no português brasileiro e no espanhol peninsular, em obras representativas do discurso de autoajuda.

Inicialmente, notamos que a literatura a seu respeito não segue uma única tendência: enquanto as gramáticas normativas pouco ou nada dizem sobre a polissemia do verbo, as análises linguísticas destacam seu valor epistêmico e deôntico, o que se deve, provavelmente, ao tipo de *cor-*

pus utilizado para a análise. Por outro lado, na análise que desenvolvemos, tendo como *corpus* textos do discurso de autoajuda, notamos que o verbo poder é empregado frequentemente como um modal facultativo, tanto no português como no espanhol. A esse respeito, investigações futuras podem ser feitas para analisar o comportamento do verbo poder no espanhol, num *corpus* constituído por vários tipos de discurso, a fim de verificar se, nesse idioma, o emprego desse modal se assemelha ao português, isto é, no discurso de autoajuda é frequentemente facultativo e nos discursos menos otimistas é essencialmente epistêmico.

Além disso, como o trabalho apontou, somente quando consideramos o contexto de ocorrência do verbo modal poder é que podemos avaliar os efeitos de sentido associados a seu emprego, desfazendo possíveis ambiguidades.

BIBLIOGRAFIA

- Bechara, E. 1961 [1999]. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Brunelli, A. F. 2004. "O sucesso está em suas mãos: Análise do discurso de autoajuda". Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- Bybee, J. L. et al. 1995. *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins.
- Cegalla, D. P. 1980. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional.
- Coracini, M. J. 1991. *Um fazer persuasivo: O discurso subjetivo da ciência*. São Paulo, Campinas: Educ, Pontes.
- Cunha, C. 1976 [1990]. *Gramática da língua portuguesa*. 12ª ed. Rio de Janeiro: FAE.
- Cunha, C. et al. 1985. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Dall'Aglío-Hattner, M. Mattos. 1995. "A manifestação da modalidade epistêmica: Um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor". Tese de doutorado, Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras.
- . 2007. "Pesquisas em sintaxe: A abordagem funcionalista da evidencialidade". Em Gladis Massini-Cagliari et al., org., *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: Fonologia, morfologia, sintaxe*, 103-145. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Dik, S. 1997a. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris.
- . 1997b. *The theory of functional grammar II*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Gasparini-Bastos, S. D. 2004. "Os constituintes extrafrasais com valor epistêmico: Análise de entrevistas jornalísticas no espanhol e no português". Tese de doutorado, Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras.
- Gómez Torrego, L. 1999. "Los verbos auxiliares: Las perífrasis verbales de infinitivo". Em I. Bosque e V. Demonte, org., *Gramática descriptiva de la lengua española*, 2: 3323-3388. Madrid: Espasa-Calpe.
- Hengeveld, K. 1988. "Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish". *Journal of Semantics* 6: 227-269.
- . 1989. "Layers and operators in functional grammar". *Journal of Linguistics* 25: 127-157.

- . 2004. "Illocution, mood and modality". Em G. Booij et al., ed., *Morphology: A handbook on inflection and word formation*, 2: 1190-1202. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Koch, I. G. Villaça. 1981. "O verbo *poder* numa gramática comunicativa do português". *CADERNOS DA PUC* 8: 103-113.
- Lyons, J. 1977. *Semantics*. 2 vol. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mira Mateus, M. H. et al. 1983. *Gramática da língua portuguesa: Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Neves, M. H. de Moura. 1996. "A modalidade". Em I. G. Villaça Koch, org., *Gramática do português falado*, 4: 163-199. Campinas: Editora da Unicamp.
- . 1999-2000. "A modalidade: Um estudo de base funcionalista na língua portuguesa". *Revista Portuguesa de Filologia* 23: 97-123.
- . 2006. "Imprimir marcas no enunciado. Ou: a modalização na linguagem". Em *Texto e gramática*, 151-221. São Paulo: Contexto.
- Nuyts, J. 1993. "Epistemic modal adverbs and adjectives and the layered representation of conceptual and linguistic structure". *Linguistics* 31: 933-969.
- . 2001. "Subjectivity as an evidential dimension in epistemic modal expressions". *Journal of Pragmatics* 33: 383-400.
- Palmer, F. R. 1979. *Modality and the English modals*. New York: Longman.
- . 1986. *Mood and modality*. New York: Cambridge University Press.
- Quirk, R. et al. 1985. *A comprehensive grammar of the English language*. London: Longman.
- Ribeiro, L. 1992. *O sucesso não ocorre por acaso*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Ridruejo, E. 1999. "Modo y modalidad: El modo en las subordinadas sustantivas". Em I. Bosque e V. Demonte, org., *Gramática descriptiva de la lengua española*, 2: 3209-3251. Madrid: Espasa-Calpe.
- Rovira, A. 2009. *La buena crisis*. Madrid: Aguilar.
- Sacconi, L. A. 1982 [1994]. *Nossa gramática: Teoria e prática*. 18ª ed. São Paulo: Atual.
- Silva Corvalán, C. 1995. "Contextual conditions for the interpretation of 'poder' and 'deber' in Spanish". Em J. Bybee et al., eds., *Modality in grammar and discourse*, 67-105. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- Skotarek, B. 1996. "Categoría de la modalidad en español". *Studia Romanica Posnaniensia* 21: 91-114.
- Tierno, B. 2005 [2008]. *Aprendiz de sabio*. 5ª ed. Barcelona: Debolsillo.
- Trevisan, Lauro. 1998. *Cure-se: Você é seu próprio remédio*. Santa Maria: Mente.
- Valcapelli e L. A. Gasparetto. 2003. *Metafísica da saúde*. São Paulo: Vida e Consciência.
- Willet, T. L. 1988. "A cross-linguistic survey of the grammaticization of evidentiality". *Studies in Language* 12.1: 51-97.

Anna Flora Brunelli

Universidade Estadual Paulista
anna@ibilce.unesp.br

Sandra Denise Gasparini Bastos

Universidade Estadual Paulista
sandradg@ibilce.unesp.br

Trabajo recibido el 24 de julio de 2012 y aprobado el 27 de septiembre de 2012.